

GRAMATICALIZAÇÃO NA CRIAÇÃO DE CONECTORES EM UMA PERSPECTIVA DIACRÔNICA

Roberta Vecchi Prates (UFF)
roberta.vecchi@ifsudestemg.edu.br
Ricardo Stávola Cavaliere (UFF)
cavaliere@bol.com.br

RESUMO

O trabalho proposto neste artigo visa a fazer um breve estudo sobre o processo de Gramaticalização de conectores, na língua portuguesa, sob um olhar diacrônico. Para tal, abordaram-se as variações e conseqüentemente mudanças semânticas dos conectivos (conectores) numa perspectiva funcionalista. Procurou mostrar que mudanças ocasionadas por processos de gramaticalização não se configuram necessariamente como concluídas ou acabadas, pois a gramaticalização é um processo que ocorre diacronicamente, realizado pela conveniência do falante ao suprir suas necessidades linguísticas em situações de comunicação. Primeiramente apresenta-se o conceito de gramaticalização, objeto do trabalho. Num segundo momento, faz-se uma abordagem da gramática funcionalista que tem como princípio verificar as transformações realizadas na língua para fins de comunicação. Neste contexto, analisa-se a questão do discurso como elemento motivacional para o processo de gramaticalização. E, finalmente, analisam-se os conectores, elementos de coesão, como exemplos do processo de gramaticalização, constatando que a língua não é uma unidade estática, ela está sempre em construção.

Palavras-chave:

Conectores. Gramaticalização. Gramática Funcionalista.

1. Introdução

A língua sofre constantes mudanças ao longo do tempo, em diferentes situações comunicativas e em seus diversos usos, fazendo com que os elementos se tornem mais fixos e alguns já existentes fiquem esquecidos, construindo relações semânticas além daquelas que delimitam e estabelecem suas normas gramaticais.

Embora as gramáticas normativas determinem a classificação dos vocábulos nessa ou naquela classe de palavras, observamos que algumas palavras definidas como advérbio, adjetivo, conjunções, vêm, ao longo de um estudo diacrônico, adquirindo valor semântico em determinados contextos que possibilitam sua classificação de outra maneira.

Devido às evoluções históricas às quais toda língua se submete, algumas regras da gramática normativa deixam de ser utilizadas e passam

a ser empregadas de modo distinto aos recomendados por essa mesma gramática tradicional. Posto isso, para entender certas ocorrências que não são justificadas pela gramática normativa, surgem teorias que podem auxiliar nessa compreensão.

O processo abordado nesse trabalho será o de Gramaticalização, que nos permite uma abordagem linguística não estabelecida pela gramática normativa, uma vez que trata de aspectos não considerados por ela.

2. *O conceito*

A Gramaticalização é um processo de mudança linguística que afeta o conteúdo semântico de uma palavra ou expressão, no sentido de o seu significado lexical perder importância em relação ao seu significado gramatical. Podemos assim estabelecer que uma determinada expressão linguística pode adquirir funções diversas, dependendo do contexto em que está inserida, ocorrendo na língua uma variação e consequente mudança semântica. Conforme Lehman (1982), a gramaticalização é um processo que transforma lexemas dentro de formações gramaticais ainda mais gramaticais; pode mudar não só um item lexical para gramatical, mas um item menos gramatical para mais gramatical, (*Apud* CAMP-BELL; JANDA, 2001, p. 96-7).

Algumas conjunções, advérbios e preposições surgiram pelo processo de gramaticalização. Por exemplo o aparecimento do advérbio e conjunção “embora”, que enquadra-se num processo de gramaticalização. A origem da palavra *embora* é a locução << em boa hora >>, pois antigamente acreditava-se que para qualquer ação, e sobretudo para viagem, havia momentos propícios e outros desfavoráveis.

Assim, começou-se a aplicar o verbo “ir”, como em << em boa hora >>, dando origem ao advérbio *embora*. As palavras dentro do discurso adquirem funções diferenciadas, isso deve-se ao fato de que há na língua uma variação e consequentemente uma mudança semântica. Podemos dizer que tal fato ocorre de acordo com o contexto em que está inserido.

O processo de gramaticalização pode ser encontrado em todas as línguas, podendo envolver qualquer tipo de função gramatical. Nesse caso, itens lexicais passam a assumir funções referentes a organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Esses elementos, uma

vez gramaticalizados, continuam a desenvolver outras funções gramaticais.

Meillet, o primeiro a introduzir o termo gramaticalização, definiu esse processo como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma” (*Apud* MOURA NEVES, 1997, p. 113) que passa a servir para organizar a fala do indivíduo e não necessariamente para construir sentido(s) isoladamente.

O processo de gramaticalização implica uma mudança semântica, ocorre devido às necessidades de comunicação não satisfeitas pelos falantes no uso das formas existentes no sistema linguístico.

Pode-se analisar o processo de gramaticalização pelo ponto de vista diacrônico, ou seja, um meio de analisar a evolução linguística ao longo da história, e sincrônico, relacionando as estruturas linguísticas do momento com os padrões anteriores do uso linguístico.

A língua é considerada algo dinâmico, logo suscetível a variações. Assim, a gramática da língua é sempre emergente, nunca presente, ou seja, está sempre se fazendo, nunca está pronta. Há sempre novas funções para formas já existentes que podem ser verificadas através de padrões fluidos da linguagem.

Em *Semântica e Discurso* (1988), Pêcheux retoma a discussão sobre base linguística, processo discursivo e FD, relacionando-as com a questão do sentido e do sujeito do discurso. Para Pêcheux, o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não existe “em si mesmo”, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. Assim, “as palavras e expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as proposições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1988, p. 160). Isso significa que elas adquirem seu sentido com referência a essas posições, isto é, com referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.

Segundo Bybee (2003, p. 603), não é suficiente definir gramaticalização como um processo pelo qual um item lexical torna-se um morfema gramatical, mas ao invés disso importa dizer que esse processo ocorre em um contexto de construção particular.

Nesse contexto, é relevante ressaltar a importância da repetição no processo de gramaticalização, no qual palavras ou morfemas frequentemente usados adquirem autonomia como uma só unidade.

O que era um elemento autônomo torna-se uma unidade linguística que exerce uma função dependente dos apoios sintático-semântico do contexto linguístico no qual se insere. Isso nos permite constatar que as mudanças funcionais ocorrem concomitantemente às mudanças de ordem semântico-temática.

A gramaticalização não é um conceito novo, após os anos 1970, quando foram restabelecidas discussões pertinentes a esse assunto, puderam ser encontrados textos gramaticais anteriores, os quais trabalhavam a dicotomia entre sincronia/diacronia, trazidos à tona por esse processo.

3. *Uma visão funcionalista*

A corrente funcionalista, abordagem que analisa o modo como determinada língua é usada por seus falantes para fins de comunicação, compreendendo as diferentes relações estabelecidas entre estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que essas relações são utilizadas, tem o objetivo de verificar as funções exercidas pela língua a fim de atingir propósitos e intenções diversas no momento da enunciação.

A pluralidade funcional se constrói claramente na estrutura linguística e forma a base de sua organização semântica e simbólica, ou seja, lexical e gramatical. (MOURA NEVES, 1997, p. 12)

Assim, as diversas funções que o vocábulo exerce no discurso do falante e as possíveis mudanças semânticas que possam ocorrer são considerações feitas pela gramática funcional, considerando a competência comunicativa. O que está em jogo é a competência em interpretar expressões de maneira apropriada, e não apenas codificar e decodificar essas expressões.

Existem algumas diferenças entre a gramática formal e a funcional que podem ser entendidas a partir do quadro abaixo:

Tabela 1: Gramática Formal x Gramática Funcional.

Gramática Formal	Gramática Funcional
Orientação primeiramente sintagmática	Orientação primeiramente paradigmática
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações.
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase).	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso)

(M.A K.HALLIDAY, 1985: *Introduction*. Adaptação de M.H.M. NEVES (1994))

A língua, na visão dos funcionalistas, é o instrumento de interação social entre os indivíduos. Ela é a responsável por estabelecer as relações comunicativas através do uso das expressões linguísticas na interação verbal.

A questão primordial de toda a abordagem funcionalista de determinada língua é perceber “como se obtém” a comunicação; como os usuários da língua se comunicam. Para Givón (1995), todo funcionalista defende a ideia da não autonomia linguística, porque a gramática não pode ser entendida sem referência a questões como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, além da aquisição e evolução, daí o porquê de tratarmos sobre a variabilidade linguística ao escrevermos acerca da gramática funcional.

Martinet (1994), afirma que o termo “funcional” só tem sentido para os linguistas se visto como “(...) o papel que a língua desempenha para os homens, na comunicação de sua experiência uns aos outros”.

A gramática funcional estabelece uma relação entre a teoria da organização gramatical e a teoria da interação, levando em consideração a capacidade que as pessoas têm de, não só codificar e decodificar expressões, mas interpretar as expressões de maneira intencional usada no discurso. Assim, a linguagem além de ser uma atividade interativa entre falantes, exerce a função de desenvolver a capacidade interpretativa a partir de um determinado contexto.

Nessa vertente Du Bois (1993, p. 11) afirma que “(...) a gramática é feita à imagem do discurso”; mas:

(...) o discurso nunca é observado sem a roupagem da gramática e o (...) comportamento sintático-semântico pode ser bem explicado dentro de um esquema que leva em conta a interação de forças internas e externas ao sistema. (DU BOIS, 1993, p. 11)

E nessas forças externas pontuariamos questões relativas à sociolinguística, tais como a faixa etária, escolaridade e sexo dos falantes entre outras, ou seja, os funcionalistas se preocupam com as relações entre a língua e a sociedade. Sua principal função é mediar a comunicação entre os usuários, sendo a língua um instrumento de interação social.

Relações semânticas não contempladas pela gramática tradicional constituem o objeto de estudo da corrente funcionalista que, em situações reais de comunicação, analisa a língua falada e escrita, visto que ao longo de sua utilização vai se adaptando a contextos diversos e promovendo alterações gramaticais e funcionais do léxico.

Para Martellota (1996),

A gramática de uma língua natural nunca é estática e acabada: tomada sincronicamente, a gramática de qualquer língua exhibe, simultaneamente, padrões regulares, rígidos, e padrões que não são completamente fixos, mas fluidos. Por alguma razão, certos padrões novos se estabilizam, o que resulta numa reformulação da gramática. Nesse sentido, a gramática é um “sistema adaptativo”: enquanto sistema é parcialmente autônoma, mas, ao mesmo tempo, é adaptativa na medida em que responde a pressões externas ao sistema. (MARTELLOTA, 1996, p. 6)

Nesse sentido, o falante vem intervindo nas estruturas e normas gramaticais de sua língua, de forma que ao longo do tempo essas intervenções sejam normatizadas e gramaticalizadas. Todo esse processo culmina na intenção de facilitar a comunicação de maneira que a mensagem seja claramente compreendida.

Martellota (2003) afirma ainda que essas transformações são unidirecionais¹, isto é, partem do discurso diretamente para a gramática e que aqueles elementos que passam por esse processo “perdem a liberdade típica da criatividade contextualmente motivada do discurso e tornam-se mais fixos e mais regulares” (MARTELLOTA, 2003, p. 59).

O processo de gramaticalização, muito embora não se tratando de uma nova descoberta, ainda é carente de pesquisas. Para Longhin-Thomazi:

A Gramaticalização é um fenômeno tradicionalmente explicado como um tipo particular de mudança linguística em que, por meio de um conjunto de alterações principalmente de ordem sintático-semântica, itens lexicais passam a funcionar como expressões que sinalizam relações específicas. (2004, p. 215)

¹ “Se de um lado os estudos diacrônicos apresentam evidências da unidirecionalidade da mudança, também levam à constatação antagônica de que o conjunto dos usos atuais de determinados elementos linguísticos também se encontra em estágios anteriores da língua. A segunda constatação leva-nos irremediavelmente à noção de uniformitarismo ou, em termos saussurianos, ao conceito de pancronia. A regularidade que caracteriza o conjunto de usos de alguns elementos linguísticos em diferentes sincronias impõe que se repense o princípio da unidirecionalidade e o papel do tempo no processo de mudança linguística. Nossa tendência, no momento, tem sido aceitar a unidirecionalidade, relacionando-a não às mudanças sucessivas que uma forma linguística pode assumir ao longo do tempo, mas aos critérios e rumos dos processos cognitivos relacionados à produção e à transferência de informação entre diferentes domínios conceptuais que os falantes praticam no uso da língua”. (MARTELLOTTA, 2003, p. 59)

A tabela abaixo relaciona algumas características da corrente funcionalista, classificada por Simon Dik (cf. DIK, 1978):

Tabela 2

<ol style="list-style-type: none">1. A língua é um instrumento de interação social;2. A principal função da linguagem é mediar a comunicação entre os usuários;3. A capacidade linguística do falante compreende não só a habilidade de construir e interpretar expressões linguísticas, mas também usar tais expressões de maneira apropriada e efetiva, seguindo os modelos da interação verbal que prevalecem na comunidade linguística;4. As expressões linguísticas são compreendidas quando consideradas dentro do contexto, sendo as propriedades do contexto, determinadas pela informação contextual e situacional;5. Os universais linguísticos são explicados através dos fins de comunicação, dos contextos em que a língua é usada e das propriedades biológicas, psicológicas e cognitivas dos usuários.
--

Não obstante ao processo de gramaticalização, devemos fazer referência acerca da gramatização das línguas.

O processo de *Gramatização* é definido por Auroux (1992) como um processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber meta-lingüístico: a gramática e o dicionário. Eles são também concebidos como instrumentos linguísticos, por não deixarem intactas as práticas humanas.

Assim, atribui-se o surgimento da gramática à sistematização da língua, por conseguinte, a *Gramatização*.

O DISCURSO

A língua não se desenvolve sozinha, a necessidade de comunicar explica a variação que nela transcorre ao longo do seu uso. O desenvolvimento da língua se atém a vários fatores: político, econômico, social e cultural.

Nessa construção encontra-se o discurso, uma atividade praticada pelo falante que envolve a comunicação em uma determinada circunstância. O discurso é a língua atualizada num dado momento, seja na fala ou na escrita. É perceptível, que ao construir seu discurso, o falante utilize vocábulos que em sua estrutura lexical sejam divergentes da função que

desempenham naquele momento. Assim, seria possível afirmar, conforme Pêcheux (1969), que o discurso é, antes de tudo, efeito de sentido entre os interlocutores, os quais representam lugares determinados na estrutura da formação social.

Sendo o discurso o efeito de sentido, faz-se importante ressaltar que na construção da linguagem a exterioridade é constitutiva, ou seja, vários fatores devem ser observados: sujeito, situação, intenção, receptor. E é isso que leva Pêcheux a discutir a questão da leitura e do efeito-leitor como constitutivo da subjetividade.

Nessa perspectiva, o discurso constitui-se, então, da prática de comunicação linguística oral ou escrita, sendo um acontecimento que envolve, numa determinada situação um enunciador e um ou mais destinatários.

SOBRE CONECTORES

Os conectores são elementos de coesão, palavras ou expressões que criam elos, relações semânticas entre os segmentos de texto ou do discurso. Eles sequencializam as ideias e estabelecem ligações entre elas. Podem ser representados pelo que se chama, na Gramática Tradicional, de “conectivos” – conjunções, pronomes relativos e preposições – ou, ainda, por outros articuladores textuais, como advérbios, ou outras palavras de ligação que estabeleçam conexão entre porções de texto.

Os conectores (conectivos) são elementos linguísticos que desempenham a função, no discurso e no texto, de conectar. São representados tanto por palavras gramaticais quanto por palavras lexicais. São responsáveis pela conexão sequencial que pode se manifestar de duas maneiras: subordinação semântica e coordenação semântica. No primeiro caso, verifica-se apenas um enunciado, consequência de um único ato de fala cujos conteúdos são indispensáveis à compreensão do ato de comunicação. No segundo caso, os enunciados, provenientes de falas distintas, são encadeados sucessivamente, caracterizando assim, uma independência semântica.

Vejamos um exemplo desse processo:

“Maria correu muito, mas não conseguiu alcançar o ônibus”

(O “mas” é um conectivo, uma conjunção coordenativa adversativa. Expressa uma ideia contrária à que foi dita anteriormente.)

Porém, esse mesmo enunciado poderia ser expresso por outros elementos de conexão:

“Maria correu muito, infelizmente não conseguiu alcançar o ônibus”.

(“Infelizmente”, na gramática normativa é um advérbio, não constitui um elemento de coesão. Logo explicitamos que “infelizmente” não é um conectivo e sim um conector.)

Nesse processo de evolução linguística, podemos observar outros conectivos que são substituídos por conectores (elementos de coesão), utilizados muitas vezes por se aproximarem mais da oralidade, não havendo necessidade do conhecimento a fundo da gramática normativa, tanto por parte do falante quanto do ouvinte.

Outro exemplo:

“Fique de sobreaviso, pois ele pode aparecer!”

“Fique de sobreaviso, de repente ele aparece!”

“Fique de sobreaviso, vai que ele apareça!”

(A conjunção explicativa “pois”, na primeira frase, foi substituída por outros dois morfemas que, neste momento, têm a função de facilitar o entendimento da mensagem.)

Os conectores aduzem as mesmas funções desempenhadas pelos elementos de ligação, todavia, não constituem elementos lexicais, mas itens gramaticais. São representados na Gramática Normativa pelas conjunções, preposições e pronomes relativos.

Vejamos os advérbios de traço – “mente” –. Considerados um produto de um processo de gramaticalização, os advérbios de traço - “mente”- foram incorporados às línguas neolatinas de uma forma colaborativa. No início, mente era a forma latina que significava “mente”:

Sua inauguração como sufixo adverbial deve ser colhido em frase do tipo clara mente “com a mente clara.” (HOPPER; TRAUGOTT, 2002, p. 130)

Para Hopper e Traugott (2002), outras formações adverbiais se inspiram nesse mecanismo produtivo. Ou seja, por analogia, estabeleceu-se um modelo de geração e de interpretação de um tipo de advérbio caracterizado por um traço mórfico oriundo de gramaticalização.

É possível que os falantes atuais não consigam reconhecer o valor semântico de uma expressão gramaticalizada, não obstante durante sua evolução diacrônica, as palavras ou expressões criaram vínculos relacionais, que atualmente fazem parte de sua manifestação sintática.

Esses termos, linguísticos, porém semânticos, numa situação concreta de comunicação podem assumir diferentes sentidos, ou valores contextuais – pois nesse momento dependem de fatores extralinguísticos – situação, inferência, falante, exterioridade. Nesse sentido, esses elementos possuem grande relevância para a estruturação de um texto. Uma vez que uma escolha inadequada ou a ausência desses mecanismos de estruturação podem comprometer a interpretação do texto (discurso).

Sobre os conectivos, afirma Bechara (2004), “a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado”².

Um enunciado para ser chamado de texto precisa fazer sentido, ou seja, os elementos que o compõem devem ter relação entre si e respeitar a estrutura da língua.

A coesão, sendo um dos elementos que compõem a textualidade, é o fator linguístico responsável pelo encadeamento coerente das frases. É nesse contexto que aparecem os conectivos (conectores), marcas linguísticas, índices formais ou informais na estrutura da sequência linguística.

Assim sendo, por tudo que foi considerado até então, observamos que a gramaticalização é um fenômeno contínuo, pois atua promovendo mudanças no âmbito linguístico de forma lenta e gradual, caracterizando assim um processo infindável ao longo da história da língua. Proporcionando aos falantes a criação de expressões novas e rearranjos vocabulares feitos para atender aos seus propósitos comunicativos.

4. Considerações finais

Ao estudarmos o processo de gramaticalização, observamos uma transformação significativa no uso das formas lexicais que acabaram dando lugar às formas gramaticais. Esse uso é cada vez mais frequente na

² O gramático Evanildo Bechara, em sua *Moderna gramática portuguesa*, utiliza termos designativos para as conjunções, tais como conectores, quando trata das coordenativas, já que “reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático”.

língua. Um processo contínuo, realizado pelos falantes para atender a uma necessidade de comunicação. Em princípio, uma construção lexical começa a ser usada casualmente no discurso e, ao longo do tempo pelo seu uso constante, passa a adquirir uma função semântica diferente da sua original, de acordo com seus propósitos e intenções no momento da enunciação.

Com base no que foi abordado neste trabalho, conclui-se que os conectores, elementos informais de conexão, podem se manifestar com diferentes significados em diversos contextos. A semântica da palavra utilizada dependerá do sentido que o emissor deseja atingir numa situação de comunicação.

A gramaticalização mostra, por conseguinte, que a língua portuguesa não é um conjunto de normas fechadas e inalteradas e que seus falantes utilizam em seus discursos usos que fogem ao sistematizado e determinado pelas regras da Gramática Tradicional. A frequência do emprego de um termo é um fator essencial na geração de uma mudança, pois fixa o uso criando o processo de evolução da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnologia da Gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992. p.134
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency*. In: JOSEPH; B.D.; JANDA, J. (Eds). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- CAMPBELL, L.; JANDA, R. *Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems*. In: *Language Sciences*, 23, p. 93-112, 2001.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. 2. ed., 10. Reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- DIK, C. S. *Functional Grammar*. Dordrecht – Holland/Cinnaminson – EUA: Foris Publications, 1978.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HOPPER, P. J. *On Some Principles of Grammaticalization*. In: E. TRAUGOTT; B. HEINE (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/Filadélfia: John.

HOPPER, Paule; TSUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge Un Press, 2002 [1993].

KOCH, Ingedore Villaça. *Dificuldade na leitura/produção de textos: conectores interfrásticos*. In: CLEMENTE, Elvo (Org.). *Linguística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1992.

LEHMAMM, C. *Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German*. In: E. TRAUGOTT; B.HEINE (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 2, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p.493-535

LONGHIN-THOMAZI, S. R. *Considerações sobre gramaticalização de perífrases conjuncionais de base adverbial*. In: VEREDAS – Revista de Estudos Linguísticos. v. 8, n. 1 e n. 2, p. 215-32, jan./dez. Juiz de Fora: UFJF, 2004.

MARTINET, A. *Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle?*. In : *Alfa*, v. 38, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: contexto, 1993.

MOURA NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. In: *ALFA*, v. 38, p. 109-27, 1994.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARTELLOTA, Mário Eduardo *et al.* *Gramaticalização no português no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

PÊCHEUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69), In: GADET 7 HAK (Org.). *Por uma análise automática do Discurso*, p. 61-162. Campinas: Unicamp, 1990. *REVISTA ISTO É*. São Paulo: Editora Três, n. 1984, 07/11/2007.